

# Habitação para o homem de nosso tempo

*"Julgamos indispensável colocar no alto dos trabalhos deste Congresso o acontecimento capital, eminente, dos tempos presentes; a sociedade moderna, após os cem primeiros anos de conquistas, de debates, de desordem, chega à conclusão que fixa, definitivamente, o caráter de uma civilização: a constituição de uma nova residência.*

*É pela criação de uma residência nova que a segunda era da Civilização Maquinista entra num período universal da construção. Obra de ação, otimista, humana, portadora de "alegrias essenciais". Esta obra desborda das questões de tecnicidade (racionalismo e juncionalismo). Ela é a manifestação pura, essencial e fundamental de uma nova consciência.*

*Pois não é senão do ponto de vista de uma nova consciência que se pode daqui por diante encarar os problemas de arquitetura e de urbanismo.*

*Uma nova sociedade cria seu lar, esse receptáculo da vida. O homem e seu abrigo. Equipamento dos países, cidades e campos" (Le Corbusier — 5. e CIAM, Rapport n. 1-1937).*

Invocamos, no trabalho que tentamos aqui, a citação de Le Corbusier no 5.º CIAM (Paris, 1937), porque, pela primeira vez, se pos em foco, então, numa reunião internacional, a importância dum tema tão diretamente ligado à vida do homem de nosso tempo, e ainda tão relegado, pelos poderes públicos, ou seja pela ideologia política eventualmente no poder. Em 1937, quase há vinte anos, os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM) punham em foco a necessidade de organizar a habitação humana e a recriação — seu temário girava em torno de "logis et loisirs".

Vinte anos quase se passaram, e, entretanto, o problema da habitação está de pé. Na Europa, que a conflagração destruiu em grande parte, uma boa porcentagem da reconstrução foi realizada. Noutros países, a reconstrução permanece a fazer-se, ao lado de uma construção que não encontra o seu ritmo adequado. Tendo realizado a Unidade Residencial de Marselha — Le Corbusier, perguntado em outubro último pela reportagem dum mensário de divulgação, "Science et Vie", assim expoz seu pensamento: "A crise de habitação é um grande problema. Para ter-se possibilidade de resolvê-lo, é preciso recolocá-lo no quadro duma teoria de conjunto do habitat humano. De fato, o homem se instala, algures, de três maneiras, segundo suas atividades agrícolas, industriais ou comerciais. A arquitetura organizada deve inspirá-lo. Conforme expliquei já em um de meus livros, ela pode conceber três grandes formas de estabelecimentos: 1.º — *A unidade de exploração agrícola.* Ela organiza, de uma forma nova, os centros rurais em torno de um sistema cooperativo ou similar. Ela pode reagrupar as explorações já existentes. 2.º — *A cidade linear industrial* (ou de transformação) edifica-se ao longo das vias conjugadas da terra, da água e de ferro (que seguem em geral os vales). Ela permite planificar a instalação de uzinas, de determinar as "unidades de grandeza conforme" de cada conjunto industrial. Ela combina a vida doméstica dos operários e do pessoal com as proximidades dos locais de trabalho. Não se expandindo senão de um lado das três vias conjugadas de comunicação, ela se encontra em contato imediato com a natureza, e com as unidades vizinhas de exploração agrícola". 3.º — *A cidade radioconcêntrica de intercâmbio* que se levanta numa encruzilhada de caminhos. Ela serve ao comércio das mercadorias ou das idéias. A distância duma cidade radioconcêntrica à seguinte, poderá ser de 30 a 100 km e ainda mais".

"Fundadas sobre necessidades geográficas ou econômicas reais, estas três espécies de estabelecimentos esposam o solo, atravessam as barreiras políticas ou nacionais, estabelecem o contato dos homens com a natureza, resolvem os problemas de proporção e da razão de viver. São realizáveis desde já por

etapas sucessivas. Sobretudo nas regiões sub-desenvolvidas do mundo. Estas não têm sido senão habitações privadas de higiene, de sol, ou de ar respirável; faltam-lhes água, sofrem dos ruídos e da ausência de comunicações úteis. Isto não só porque não chegaram à civilização, mas ainda porque esta as ultrapassou e suas instalações se tornaram vetustas. Há, também, as miseráveis instalações rurais dos países atrasados, como há cidades tentaculares e sórdidas, em nações avançadas. Enfim, uma região pode também ser considerada como sub-desenvolvida (do ponto de vista moral), porque a existência ali ficou muito complexa, carregada do supérfluo. A vida da família ficou comprometida pelos problemas da distância, tornou-se perturbada por uma mecanização excessiva, restrita a servidões sem compensação válida. O esgotamento pelo "supérfluo" não é a consequência dum desenvolvimento harmonioso, mas o de uma economia desregrada".

Até aí, talvez um pouco excessivamente, as idéias do autor... das soluções constantes das unidades-residenciais, em Marselha e em Nantes, a chada "unité d'habitation de grandeur conforme", compreendendo um total de 1.500 habitantes em 0,4 hectares, dentro dum parque de três hectares. Idéias que quizesmos aproveitar para introdução a esta tentativa de atualização do problema número um do urbanismo no Brasil e na América Latina, onde as condições se assemelham muito. Este aproveitamento nos parece ser de alguma utilidade: pelo menos estabelece o que pensa um homem que há 18 anos estudava o problema no CIAM, situando-o à luz de uma nova consciência para o homem.

## ASPECTOS DA NOVA CONSCIÊNCIA DO PROBLEMA

Entre o indivíduo e a comunidade há que estabelecer um ponto de equilíbrio porquanto é certo que a predominância dum ou doutro desses fatores componentes do aglomerado resulta em dano certo para ambos. Para uma nova consciência do problema, o ponto de partida da composição demográfica foi posto em relevo suficiente pelo Seminário Latino Americano sobre Estudos demográficos, que se encerrou em meados de dezembro, no Rio. Sem a solução do problema urbanístico-arquitetônico que compreende a habitação, o enquadramento demográfico não se tornará possível, nem uma melhora nos setores da educação e do bem estar será executável porque todo o progresso, inevitavelmente, do bom acondicionamento humano, no abrigo e no lar, no local de trabalho, nos lazeres, para melhora dos tipos biológicos, para maior produtividade, para o repouso suficiente, físico e mental, a proporcionar elementos ao enobrecimento do homem.

O Seminário Latino Americano sobre Estudos Demográficos abordou a questão da

habitação, responsabilizando a falta de uma política ampla e realista, que empregue todos os recursos disponíveis para o completo conhecimento e solução do problema da habitação, como causa do malogro dos programas de residências populares. É evidente que para um planejamento que valha o nome, a pesquisa sobre o habitante e o grupo familiar correspondente à categoria se torna indispensável. Mas é preciso levar isto ao conhecimento do poder público, que não tem uma noção suficiente do assunto, não o considerando, sequer, em seus esforços, tantas vezes bem intencionados, para administrar, eficazmente.

Nada mais eficaz, numa administração, do que proporcionar bem estar aos governados: uma política de habitação busca esse bem estar diretamente.

O Seminário Latino-Americano visou dar todo o relevo, toda a ênfase à parte do problema da habitação, no quadro mais amplo do planejamento econômico desses países, tanto no que respeita à sua influência na demografia (movimentos migratórios internos), como os que se prendem às discrepâncias muito acentuadas que se verificam nos níveis de vida das populações, e que levaram um dos orientadores, o professor Leon Buquet, da Universidade de Dijon, a reclamar a realização de pesquisas minuciosas sobre os hábitos de consumo peculiares aos diversos setores sociais de um país, em relação com determinados grupos de serviços e utilidades, no sentido de um resultado objetivo destinado ao planejamento.

No quadro desses fatores demográficos em relação com a Habitação, o Seminário Latino Americano coincidiu com a publicação da União Panamericana "Problemas da habitação de interesse social" (Washington, 1954), que foi o informe da Comissão Ad Hoc do Conselho Interamericano Econômico e Social na Décima Conferência Internacional, reunida em Caracas, para o estudo do problema. E coincidiu, ainda, com o principal trabalho do IX Congresso Panamericano de Arquitetos, reunido em Caracas também, um ano e meio depois da Décima Conferência Panamericana. Nesse certame, colocou-se em relevo o estudo sobre a habitação para os países latino-americanos, merecendo do secretário geral da OEA, sr. Carlos Dávila, em mensagem enviada ao IX Congresso, as seguintes considerações:

"O temário proposto para o IX Congresso, cujo tópico principal é a Habitação, demonstra, claramente, que as aspirações de melhoria da comunidade, inerentes à ação profissional do arquiteto, têm de entrosar-se dentro dos grandes lineamentos da Planificação. A Habitação, concebida como base e célula germinal dos conjuntos urbanos, tem sido matéria de constante preocupação nos congressos de arquitetos. Aprofundar os estudos sobre Habitação, para melhorar sua

planta e aumentar sua produção, significa prover um meio ambiente onde o homem desenvolva mais facilmente suas grandes potencialidades para que se incremente seu progresso e aumente seu bem estar. É, portanto, judicioso que como consequência lógica se considerem os espaços de habitação no quadro complexo das funções sociais. Ao estabelecer programas de habitação, dá-se origem aos serviços de educação e recreação necessários para todas as idades, ao mesmo passo que se proporciona assistência e bem estar aos grupos sociais. Somente dentro de uma objetivação integral, impulsionada por capacidades hábeis e idealismo, poder-se-á solucionar o alarmante problema da moradia, no continente" (Mensagem do secretário geral da Organização dos Estados Americanos ao IX Congresso).

Estas preocupações da OEA se acham numa perfeita continuidade à sua atuação no Programa de Cooperação Técnica, de cuja projeção prática é o Centro Interamericano de Habitação, funcionando em Bogotá há três anos, a expressão mais acabada e produtiva. Desde o estabelecimento desse centro, em nível post-universitário, na especialização dos problemas da habitação, até as numerosas publicações, iniciadas com o livro de Francis Violich "Low-Cost Housing in Latin America" (1943, reeditada em 1943, e do qual se prepara uma edição revista agora), o Centro Interamericano de Habitação trabalha arduamente em atingir, com esclarecimentos os mais completos, o âmago do problema. Seu boletim bi-semanal "Vivienda — Planeamiento", de que saíram 18 números, insere estudos de toda ordem sobre os objetivos constantes da moradia, arquitetura no espaço organizado para a vida do homem, dentro do maior espaço, urbano ou rural, de suas atividades.

Nesta revista mesma publicamos nos números 24 e 25 resumos das reuniões de arquitetos realizadas na Venezuela e na Holanda, referentemente ao problema da Habitação.

Tudo isto nos situa diante da atualidade dos estudos visando ao problema premente da moradia, colocado com tanta autoridade pelo sr. Carlos Dávila, na sua mensagem ao IX Congresso.

#### DIANTE DO RETRATO DO BRASIL

Chegamos, então, à consideração final que objetivamos, qual seja a de chamar a atenção dos poderes públicos para a nossa situação no caso. Há muito engano quanto à atuação dos IAP nesse sentido. Tendo se tornado instrumentos burocráticos nas mãos de elementos políticos, máquinas bastante custosas na manutenção do seu funcionalismo, e invertendo grandes recursos em financiamentos completamente à margem do problema da habitação para as grandes massas de seus contribuintes, os IAP não fun-

cionam, tecnicamente, com isenção e idoneidade suficiente, para cuidar a frio das soluções necessárias.

A magnitude do problema cresce ainda devido à extrema mobilidade dos fatores populacionais, constituindo em alguns pontos verdadeira impossibilidade uma atualização estatística que valha o nome. Quanto a pesquisas mais demoradas, pela sua complexidade, do que um censo, não temos sequer a mentalidade para isto, chegando engenheiros e arquitetos, felizmente já bem poucos, a considerar superfluo, ou teórico (no sentido pejorativo), pesquisas conducentes à uma análise aproximada da situação existente... Um aparelho como o Instituto da Casa Popular só funcionou e mal, quando da estada, no governo da República, do seu criador, o presidente Dutra. Não se sabe o que arrecada e para onde vai a sua finalidade. Um remanejamento da instituição é necessário.

Verdadeiramente, só existe um centro de trabalho, de reduzidas proporções embora, mas cuja produção qualitativamente é admirável: o Departamento da Habitação Popular, da Prefeitura do Distrito Federal, responsável pelos acontecimentos bem conhecidos da construção do Conjunto Residencial de Pedregulho e do Conjunto Residencial da Gávea, atualmente em conclusão. Verdadeiramente, o Departamento deveria ser considerado como órgão-padrão, sobre que se moldariam outros Departamentos, nos municípios em que o problema da habitação já assume, proporcionalmente, a importância de que se revestem, em cidades maiores ou menores do que o Rio, os núcleos dos favelados.

Parece-nos, entretanto, que os governos, estaduais e municipais desconhecem a existência sequer dos frutos daquele Departamento. O caso dessa obra prima de arquitetura aplicada ao fim social, que é o Conjunto Residencial de Pedregulho, do arquiteto Reidy, é mais conhecido no estrangeiro do que no próprio país, e até hoje não ultrapassa as nossas barreiras municipais. Não se tomou conhecimento do assunto, sequer, quando Pedregulho recebeu o prêmio de organização do grande espaço habitável, na primeira Bienal de S. Paulo, prêmio que teve a adjudicá-lo a presença e a atuação de um dos maiores críticos e historiadores de arquitetura do mundo, S. Giedion.

Desconhece-se, inteiramente, a sugestão da União Panamericana e da OEA para a "cooperação de recursos técnicos e o uso cooperativo dos recursos financeiros" entre as 21 Repúblicas latino-americanas, no setor da Habitação. Desconhece-se o interesse que as Nações Unidas dedicam a este magno problema. E assim não se dá um passo ao encontro desses objetivos.

É, entretanto, urgente considerar a necessidade de enfrentar o problema, e a utilização dos trabalhos em curso, a que fize-

mos larga referência, através destas considerações, poderá vir a produzir alguma coisa. A responsabilidade de "orientação" cabe aos meios técnico-profissionais, que, com uma consciência do problema, por via de seus órgãos associativos, e de comissões de trabalho, poderiam encarar o problema no âmbito regional, para fornecer ao poder público uma base de enquadramento das soluções iniciais, com o conhecimento da situação e o que cabe fazer para abordá-la. Da maneira por que se acha relegado o problema, estamos criando e deixando que proliferem, perigosamente, um estado de coisas que se agrava, nos processos de deterioração humana, social, familiar, econômica, cultural — principalmente no Rio e em São Paulo.

Nas cidades de mais de cem mil habitantes, na América Latina, o estudo "Problemas da Habitação de interesse social", assinala que, em sua maioria, terão um crescimento tão acelerado, que duplicarão nos próximos quinze anos. Esse crescimento já trouxe a favela, o cortiço, o tugúrio. "O tugúrio é a habitação que, pelas suas condições, constitui uma ameaça contra a moral, a segurança e a saúde da família que a ocupa e da coletividade em que se situa." "A explicação do tugúrio não obedece a uma simples causa, mas a um complexo causal mais ou menos numeroso. Explica-se como fenômeno de estrutura social e de aglomeração habitacional em condições de insalubridade em áreas centrais ou em bairros clandestinos dos arredores das cidades. Ainda mais, trata-se de um desajustamento social que, além de estar ligado a causas econômicas, é de natureza educacional" ("Problemas da Habitação de Interesse Social").

Todo o começo de ação no sentido da análise do problema parte da "determinação da magnitude das necessidades", e baseia-se nos seguintes fatores: "o número de habitações existentes que devem ser demolidas por motivos de insalubridade, as que devem ser concertadas em consequência de estado de ruína, o número de habitações adicionais necessárias para aliviar o empilhamento humano, e para alojar as novas famílias que se formam a cada ano, as classes de abrigos quanto a seu tamanho, tipo, custo, localização, etc., e as características das famílias que os ocuparão".

Os órgãos técnicos, as escolas de arquitetura e urbanismo, as escolas de engenharia, poderão realizar pesquisas interessantes em setores das cidades e levantar dados a servir às cogitações dos legisladores e dos executivos. É preciso, porém, começar, e nisto consiste, mesmo, o esforço que empregamos nestas páginas, como um apêlo, uma solitação, uma sugestão, destituídas de veemência, por certo, dada a nossa impossibilidade de transformar um artigo em comício público, gritado em todas as praças das cidades brasileiras.